

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM A PROFESSORA AMY SHIMSHON-SANTO

Ana Rita Santiago
Tatiana Pequeno

Entrevista

1. Que destaques você poderá compartilhar conosco no tocante às possibilidades/construções e pontes, mas também às interdições e silenciamentos enfrentados no exercício acadêmico-profissional?

As possibilidades de ensino e aprendizagem na literatura são infinitas. Mas línguas e letras também mantêm sistemas e circuitos de poder. Já estamos acostumados aos limites, barreiras e violências. Navegamos as lutas cotidianas da sobrevivência. Sabemos como é ser excluídas, violadas e invisíveis. Então, a autora pensa no que deseja para fazer a sua imaginação material. Cultivamos imaginações abundantes, fortes, éticas e sem limites.

Em cada posição de liderança acadêmica que eu aceitei, tentei abrir espaços inclusivos na aula e diminuir distâncias entre a universidade e a comunidade. É crítico valorizar diferentes tipos de conhecimento e aprender a sonhar juntos(as). Nossos sonhos pessoais podem ser tecidos em sonhos compartilhados. Enfrentamos os silenciamentos abrindo a boca, ouvindo bem e liberando as nossas letras com criatividade, compromisso e a devoção.

2. Se possível, conte-nos um pouco sobre os seus percursos como poeta, tendo como atravessamentos e centralidades corpos, gêneros e sexualidades?

Quando entrei no ensino fundamental, ser estudante parecia um processo de disciplinar o corpo e a cabeça. Percebi que estudar exigia o certo sacrifício da minha cultura e personalidade.

Eu me tornei artista cedo. Sempre senti confiança no processo criativo. Escrevo para existir e para criar alternativas e futuros.

Já participei de muitas ações de mudança social, cultural e educativa. Escrever poesia teve a capacidade de provocar uma mudança dentro de mim. Isso é importante para a sociedade.

O meu primeiro poema publicado foi um poema erótico. Foi explícito, não violento e, intencionalmente, não heteronormativo. Causou um grande rebuliço. “Eu li seu poema!”, as mulheres me diziam quando passei pela cidade, como se eu tivesse escrito apenas *um*.

Naquela época, eu trabalhava como diretora de um programa de pós-graduação em gestão cultural. Eu tinha muito medo das pessoas me verem como pessoa, mulher de alma e corpo. Sim, causou um escândalo, mas não foi tanto.

Depois eu participei de dois festivais literários na África Ocidental. Uma apresentação de poesia foi agendada frente a uma embaixada estrangeira. A polícia não foi amigável com os (as) autores(as) na entrada. A poesia não acomoda o policiamento. Considerei ler um poema sobre a brutalidade policial no palco. Tenho muitos. Em vez disso, escolhi ler aquele poema erótico para uma multidão, incluindo os policiais frente à embaixada. Foi um escândalo bom. Adoraram. Aprendi que um poema erótico pode inspirar mais força que um poema contra a brutalidade policial. O corpo da mulher é muito político.

3. Aponte, se possível, algumas estratégias de resistência e de consolidação do seu pensamento intelectual relacionado à literatura.

Durante o meu próprio processo de descolonização mental, eu me pergunto: o que é a literatura? Como dançarina e capoeirista, eu considero o movimento como linguagem e a coreografia ou improvisação corporal como publicações no corpo. Tenho colegas que consideram as imagens e o têxtil formas de literatura. Literatura. Mídia. Comunicação.

As minhas amigas literárias com Gloria Carrera, Teio Xaggat, Delia Xochitl Chavez no México, Sabata Mpho-Sokae na África do Sul, Mamle Wolo e Abena Awuku Larbi, em Ghana, me guiaram na direção de plurilinguismo e indigenismo como caminhos literários. Inspiraram-me saber mais sobre as minhas raízes e as línguas maternas. A leitura de *Decolonizing the*

Mind, de Thiongo Wa Ngugi, confirmou esse caminho. Comecei a reconhecer as línguas como sistemas de operação que moderam as nossas relações sociais e a circulação dos conhecimentos.

Aonde quer que você vá, a terra sempre fala mais que um idioma. A colonização nos alienou das línguas, culturas e mundos. Comecei a enfatizar o plurilinguismo, a valorização das línguas maternas e a translocalidade. Isso levantou inúmeras questões tangíveis de léxico, tecnologia, comunicações e futuros. Podemos honrar os (as) ancestrais e plantar futuros educativos e literários que valorizam a multiplicidade dentro da gente e entre nós. Walt Whitman escreveu, “Eu contendo multidões” e Gwendolyn Brooks: “we are each other’s harvest / we are each other’s business / we are each other’s magnitude and bond.”

4. A partir de sua experiência pessoal, mas também como docente, poeta e intelectual, como você analisa a relação entre a literatura de autoria feminina e corpos, gêneros e sexualidades?

Começo com as minhas experiências pessoais, familiares e comunitárias. A palavra tem força. Quando comecei a ensinar na faculdade, queria que os meus estudantes sentissem mais confiança em escrever as suas histórias de um jeito autêntico e original. Ensinei que “escrever bem” é ser honesto. Escreva, honestamente, e sua leitura será boa.

Andar escondido e calado é perigoso. Abraçar a autoria própria é a chave para abrir, participar e movimentar espaços.

5. Professora e poeta, é possível escrever para além de algumas fórmulas e temas ainda urgentes, mas desgastados, como “resistência”, “devir minoritário” etc.?

Absolutamente. O mundo está sempre em mudança. Cada palavra que existe surge de um contexto histórico-geográfico. Os significados também mudam. Os contextos gingham, esquivam e mudam. Precisamos ter a criatividade e a coragem para nomear as nossas experiências atuais. As palavras são herança intelectual, mas temos direito (e a oportunidade) de dar nome ao que precisa ser dito agorinha de um jeito que dê satisfação.

6. Professora, quais são os seus desassossegos como poeta e professora neste momento no que tange à literatura de autoria feminina? O que te move nestes tempos a pensar e a forjar novos projetos de escrita?

Todos os dados mostram que o acesso à literatura escrita e traduzida por mulheres marginalizadas falta atenção. A escritura de mulheres interseccionais é ampla, expansiva e necessária. A tradução, tanto quanto o estudo de línguas, os encontros de autoras e as publicações locais, podem abrir caminhos para avançar a grande possibilidade que é a autoria feminina translocal.

Precisam cultivar ecologias culturais — desde a alfabetização até o ensino público secundário, universitário e comunitário; desde a publicação até a distribuição e circulação de ideias. O patriarcado e o capitalismo racial deformaram a educação e a literatura. Nossa oportunidade é refazê-las na imagem de todos.

7. O que te move nestes tempos a pensar e a forjar novos projetos de escrita?

Concluí, recentemente, uma coleção de eco-poesia, brincando com a ideia de bioluminescência. Completei uma coleção de ensaios sobre a educação, herança e espaços. Estou envolvido num projeto de letras judaicas. O hebraico é escrito da direita para a esquerda, enquanto o inglês e o português se escrevem da esquerda para a direita. Isso explode a página, espacialmente e confunde as tecnologias de processar palavras. As antigas formas poéticas judaicas são visuais, tipográficas sônicas e espaciais. Como ler um poema que começa por vários lados e vai em várias direções? Criei gravações de áudio que acompanham os poemas visuais, para que possam existir como experiência multidisciplinar quadrifônica.

8. Como percebe o cenário da poesia contemporânea? Os espaços discursivos e de produção se alargaram ou democratizaram um pouco mais nos últimos anos? O que deseja, em termos de conquistas e expressões, a poeta Amy?

Quero que levemos a sério nossas palavras, relacionamentos e experiências de aprendizagem e autoria feminina, porque assim criamos futuros. Quero cultivar espaços de conexão e mutualidade na literatura que sejam

translocais e polilíngues. Quero cultivar culturas capazes de cuidar do planeta nessa época de crises climáticas.

Quero agradecer a todos aos (às) escritores(as), à equipe editorial e aos (às) leitores(as) deste lindo dossiê por terem criado uma experiência coletiva maravilhosa.